

A Educação e a Morte: A formação de profissionais de saúde

THE EDUCATION END DEATH: THE FORMATION OF HEALTH PROFESSIONALS

Layla Oliveira Campos Leite Machado

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS

laylaleite@hotmail.com

Marcia Maria de Medeiros

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS

marciamaria@uems.br

Marcia Regina Martins Alvarenga

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS

marciaregina@uems.br

Resumo

Este estudo busca analisar como a tanatologia (estudo científico da morte) está inserida no currículo dos acadêmicos de enfermagem, alinhando qual o preparo dos mesmos para o enfrentamento do processo de morte/morrer. A tanatologia, quando apresentada aos acadêmicos de enfermagem de forma pronunciada contribuirá positivamente diante da prestação de cuidados ao paciente no processo de morte/morrer. Cabe salientar que a necessidade de saber lidar com a morte é premente na formação dos profissionais da saúde, sendo tal processo de muita responsabilidade, já que o contexto de morte e morrer não tem o mesmo significado para todos, provocando os mais variados tipos de reação. Pensando dessa forma, é muito significativo que ocorra junto aos acadêmicos de enfermagem maior sensibilização em relação ao fenômeno da morte e consequente humanização da sua prática no trato com pacientes que estejam fora das possibilidades de cura terapêutica. Observamos que não há muitas referências científicas que reflitam o contexto da tanatologia empregado aos currículos de enfermagem. Acreditamos que a partir da ampliação deste escopo seja possível considerar a importância da educação para a morte em uma ótica profissional.

Palavras chaves: Tanatologia/Morte, Acadêmicos de enfermagem, Currículo

Abstract

This study investigates how tanatologia (scientific study of death) is part of the curriculum of nursing students, tacking which the preparation thereof to face the process of death / dying. The tanatologia when presented to academic nursing foreshadowed way contribute positively on the provision of patient care in the process of death / dying. It should be noted that the need to know how to deal with death is pressing on the training of health professionals, such a process very responsible, since the context of death and dying does not have the same meaning for all, causing all kinds of reactions . Thinking in this way, it is very significant to occur together with greater awareness nursing students in relation to the phenomenon of death and consequent humanization of their practice in dealing with patients who are outside the therapeutic possibilities of cure. We note that there are not many scientific references that reflect the context of tanatologia employee to nursing curricula. We believe that from the expansion of this scope is possible to consider the importance of education to their deaths in a professional light.

Key words: Tanatologia / Death, Nursing Scholars, Curriculum

Introdução

A morte é um processo natural e está presente no cotidiano dos profissionais de saúde nas instituições hospitalares, unidades de saúde ou até no cuidado domiciliar. No entanto, a sociedade contemporânea tem por alvitre negá-la ou escondê-la. Esse pressuposto é sentido nos currículos dos cursos da área de saúde os quais formam sujeitos capacitados a salvar vidas, e não lidar com o oposto. No entanto, cabe salientar que a necessidade de lidar com a morte, ou preparar futuros profissionais da saúde para este evento é de muita responsabilidade, já que a morte não tem o mesmo significado para todos, provocando os mais variados tipos de reação.

No caminho estreito onde só a religião tinha condições de oferecer amparo frente ao processo da morte, foi que nasceu a tanatologia, introduzida por Elisabeth Kubler Ross, estudiosa e pioneira nesta esfera. A tanatologia ainda é pouco trabalhada no meio acadêmico ou profissional, sendo considerada uma ciência interdisciplinar que estuda os eventos relacionados ao processo morte/morrer, e todos os aspectos biológicos e sociais vinculados a esse curso.

Tal estudo é de suma importância porque o ser humano é o único ser que tem total consciência sobre a finitude da vida. Mas para não relacionar esse processo ao fato de que ele morrerá e, são poucas as pessoas que falam abertamente sobre esse assunto.

No caso específico dos profissionais da saúde essa contingência assume outro prisma, pois a morte se torna uma constante em seu cotidiano sendo necessário que eles aprendam a assimilar a morte, e não só justificá-la através de condutas técnicas e científicas. O enfermeiro é um elemento essencial nesse contexto, sendo de extrema necessidade que este profissional esteja preparado para lidar com pacientes que se encontram nessa situação.

O processo de formação acadêmica dos cursos de enfermagem quanto ao conhecimento e trabalho da tanatologia é feito de maneira muito rápida e de forma breve. A abordagem dessa temática é aplicada de maneira superficial, sem molde formal, ou material didático que tangencie o trabalho. (SANTOS, 2014, p. 327).

Nesse contexto, percebemos uma formação acadêmica moldada no modelo médico – biológico, que confere aos futuros profissionais enfermeiros somente o poder explicativo sobre os fenômenos de vida e morte e saúde e doença, mas não facilita sua compreensão sobre o morrer.

Neste sentido, é determinante oferecer aos futuros profissionais da enfermagem, elementos que lhe possibilitem ir além dos cuidados ao corpo que está morrendo ou já morreu, compreendendo o ser humano numa totalidade. Assim, o ensino da tanatologia, contribui de forma incisiva para que discentes do curso de enfermagem e futuros profissionais da saúde sintam-se seguros diante de pacientes à beira da morte, e não ignorem ou tratem o fato de forma leviana e corriqueira.

Frente às colocações mencionadas, este artigo busca analisar como a tanatologia é empregada nos currículos de enfermagem, bem como ampliar o escopo da educação para a morte, fundamentada na importância da discussão do tema numa sociedade na qual convive a morte interdita e escancarada no cotidiano das pessoas.

Educação para a morte é também preparar profissionais da saúde para lidar com a morte, porem atualmente, o que se ouve em instituições hospitalares e de saúde é que seus profissionais não foram laborados para a conduta com a morte. Dessa forma, o ensino em saúde sob a ótica da tanatologia é imprescindível para que profissionais e futuros profissionais de enfermagem despertem para esta área, com a tarefa desafiante de focalizar o paciente como pessoa, contribuindo muitas vezes no processo de morte – morrer, fato este natural e fisiológico.

O olhar para a morte no ensino em saúde e as diretrizes curriculares nacionais de enfermagem

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, percebe-se uma ausência ou um silenciamento em relação ao processo relativo a formação de instrumentos pedagógicos como prerrogativa para que o futuro profissional possa atuar de forma mais marcante no que tange ao processo da morte e do morrer (BRASIL, 2002).

As Diretrizes preconizam entre seus principais elementos formadores as questões relacionadas a atenção à saúde; a formação de um profissional capaz de tomar decisões adequadas no que tange ao processo de racionalização do trabalho; a habilidade de comunicação diretamente relacionada ao processo de liderança; capacidade de administração e gerenciamento; além de abordar o processo da educação permanente. (BRASIL, 2002).

No entanto, esse processo formativo (o qual preconiza um profissional generalista, crítico e reflexivo) não dispõe em nenhum dos seus artigos sobre o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas a temática da morte. Sobre o processo Santos (2014, p. 329) cita que: “Nas competências e habilidades específicas, a temática da morte não está explicitada em nenhum dos 33 itens do 5º artigo, que trata dessa questão.”

Os discentes em enfermagem apresentam carência quanto ao suporte para a visão críticoreflexiva sobre a temática morte/ morrer, sendo de fundamental importância que o profissional que os forma apresente a devida maturidade, a fim de tracejar-lhes o caminho adequado para o ensino quanto aos cuidados prestados ao paciente que vivencia o processo de morte/morrer (BORGES, 2012). Diante desses saberes, é indispensável à compreensão sobre o estudo da morte, ou Tanatologia, que é pouco ou quase não trabalhado (OLIVEIRA, 2007).

Os acadêmicos de enfermagem vêm sendo preparados com maior ênfase durante a graduação para trabalhar com a vida, havendo insuficiente destaque para a instrumentalização da batalha vida e morte. A forma com que as universidades deveriam aprofundar as competências e habilidades desenvolvidas pelos graduandos sobre o processo de morte/morrer tem sido amena, se não diminuta (OLIVEIRA, 2007).

Salienta-se que somente a criação de disciplinas remetidas à morte ou ao morrer, como a tanatologia, não seria totalmente resolutivo, sem que haja o comprometimento do trabalho transdisciplinar, envolvendo todos os docentes de enfermagem, já que a maioria assume a docência em campo de estágio com os discentes.

Inúmeras são as questões envolvidas na visão dos discentes em enfermagem quando se retrata a morte. Existem fatores individuais que podem prejudicar o diálogo sobre a morte, ou processo da morte, e durante as atividades práticas desenvolvidas em âmbito hospitalar, muitos acadêmicos de enfermagem apresentam frustrações quando se deparam com o óbito do enfermo (LUNARDI, 2001).

Defende Lobo (2014) que os acadêmicos de enfermagem apresentam significativa falta de conhecimento científico sobre a tanatologia e o processo de morte, muitos ainda sabem reconhecer mesmo que empiricamente as alterações psicofisiológicas que os pacientes em

processo de morte/morrer apresentam, porém não sabem o que cada uma representa e como deve ser trabalhada.

Outra questão relevante é a composição do currículo acadêmico de enfermagem, que em sua extensão é formado visando à promoção, recuperação e preservação da vida, denotando que os futuros profissionais enfermeiros, ainda não estão preparados para lidar com a morte. O currículo carece de disciplinas não somente específicas como as clínicas aplicadas à enfermagem, mas, de módulos ou programas acadêmicos que retratem e teorizem a questão da morte e do morrer de forma aprofundada e reflexiva (OLIVEIRA, 2011).

Numa sociedade multinacionalizada e capitalista, o olhar para determinados eventos biológicos que ocorrem aos sujeitos durante seu ciclo de vida foi modificado, e a morte pode ser apontada como um desses fenômenos. Medeiros (2008) afirma que atualmente não se morre mais como antigamente.

Acerca dos profissionais de saúde, Kovács (2004), nos lembra que médicos, enfermeiros, psicólogos e demais colaboradores da área da saúde, estão intimamente ligados com a morte durante o cotidiano, e assim podem fazer dela sua companheira de trabalho.

Mesmo havendo estudos que falem sobre a morte humana nos dias atuais, assistimos com frequência uma construção de inúmeros tabus em relação ao tema. Segundo Barros (2000) alguns tabus como os que estavam relacionados ao sexo, por exemplo, deixaram de existir, mas o tabu que envolve a morte parece obscuro, sendo este fenômeno algo a ser /continuar escondido, o que de certa forma, causa a vinculação da morte com o sobrenatural.

Elisabeth Kubler Ross, precursora dos estudos relacionados ao tema morte e morrer, demonstrou durante todas suas pesquisas que o confronto dos profissionais da saúde com a morte é uma situação delicada e difícil de lidar, exigindo maturidade profissional de todas as partes (BELLATO, 2007).

O ocidente tem uma grande dificuldade cultural em lidar com a morte, fenômeno que causa pavor, que remete a ideia de punição e de agonia entre tantas outras relações consideradas negativas. Ademais, há que se considerar que as influências perpetradas pela religião criam determinados contextos culturais que são relativos a cada sociedade, contribuindo para a formação de paradigmas em relação ao processo (BURLÁ, 2006).

Gutierrez (2007) afirma que sensações como culpa, frustração, tristeza, perda e estresse, podem estar presentes no cotidiano de profissionais da área da saúde que lidam com risco eminente de morte, e para que o evento não traga prejuízos emocionais, é preciso que, ainda no período de formação acadêmica, os futuros profissionais sejam preparados para enfrentar esse processo.

Para Carvalho (2006), a morte é um tema que pode acarretar uma série de conflitos quando do processo de ensino-aprendizagem dos acadêmicos do curso de enfermagem, já que o despreparo dos mesmos interfere negativamente na relação educativa. Nesse sentido, a

relação educador – educando frente ao processo da morte/ morrer deve ser clara, devendo diminuir a dificuldade do trato com a temática, proporcionando verdadeiro aprendizado.

A morte é fato no cotidiano profissional da saúde, porém vários estudos realizados com docentes de enfermagem demonstram a fragilidade quanto ao enfrentamento da morte por parte dos enfermeiros. Tal fato foi observado em outra pesquisa com enfermeiros docentes da UTI, que atestou que a morte de pacientes durante o estágio supervisionado, provoca bloqueios quanto ao fato ocorrido, gerando sentimento de responsabilidade e insegurança do educando frente ao fenômeno da finitude humana.

Os docentes de enfermagem do mesmo modo vivenciam normas, regras e rotinas num molde técnico-pedagógico-científico, e ainda exprimem a convicção que as disciplinas que trabalham com a temática morte/morrer, durante a formação acadêmica são ofertadas em curto espaço de tempo (PINHO, 2008).

Mesmo apresentando dificuldades devido ao processo de formação acadêmica no qual a Tanatologia não foi suficientemente trabalhada, os docentes de enfermagem buscam transmitir alguma estabilidade e certa firmeza ao se deparar com o episódio do processo morte/morrer em campo de estágio com seus alunos (CARVALHO, 2006).

Norbert Elias (2004), em uma de suas obras profere que a morte não é terrível, passa-se ao sono e o mundo se finda, afirmando que o homem é o único ser vivo que tem certeza que morrerá. Em outra circunstância, também discorre que há uma tendência ao crédito da imortalidade, apartando-se da ideologia da morte, justificado pelo evento tecnológico avançado no tratamento e prevenção de doenças.

Neste sentido Maranhão (2009), comenta que em épocas passadas, somente as religiões influenciavam na tentativa de oferecer algum tipo de consolo frente a morte. Podemos dizer que esse quadro sofreu uma alteração quando do surgimento da Tanatologia, criada pela psiquiatra norte-americana Elisabeth Kubler-Ross. A tanatologia nasceu na década de 60 e trouxe grande mudança na área interdisciplinar, propondo o alavancar e o conscientizar sobre o tema morte junto ao público mundial (KOVACS, 2008).

Neste sentido, a tanatologia tem como objetivo humanizar as relações no momento da morte. Fica claro, que a morte não tem o mesmo significado pra todos, e as tensões provocadas no momento que ela ocorre podem ser divergentes, caminhando desde a raiva, a tristeza, a barganha, a negação, entre outros (SANTOS, 2009).

É relevante recordar que Florence Nightingale, já operava no processo morte/ morrer, ofertando aos pacientes no período da Guerra da Criméia, cuidados importantes quando do velamento da vida (SHIMIZU, 2007).

A equipe de enfermagem é quem mais tem contato e luta com a morte na prática profissional, entretanto pouco se observa nos currículos acadêmicos ações didáticas concebidas em relação ao preparo para a finitude da vida. Tal fato seria de extrema importância, pois, abordar conteúdos na linha de tanatologia durante a formação dos

acadêmicos em enfermagem culmina na assistência de um cuidado não só ético, como integral e humanizado (PESSINI, 2005).

No contexto da tanatologia, o ser humano frente ao processo morte/morrer não deve estar relacionado com uma traqueostomia a ser aspirada, um acesso a ser puncionado, ou uma sonda a ser inserida. Dessa forma, esta afirmativa torna perceptível a carência de conhecimentos a respeito do processo morte/morrer por parte dos profissionais de enfermagem, tornando a assistência de enfermagem limitada (SHIMIZU, 2007). É pontuado que na graduação de enfermagem se tem excelente preparo curricular para meios tecnológicos e tipos de assistências para cura ou tratamentos de enfermidades, voltada à defesa da vida, mas não para lidar com os cuidados relativos à morte (SANTOS, 2009).

Analisar como a tanatologia é empregada nos currículos de enfermagem, fomentar sua importância para os graduandos em enfermagem, investigar o olhar dos acadêmicos de enfermagem sobre a morte, sensibilizar e refletir sobre a morte no ambiente intra hospitalar e possibilitar a formação de profissionais que sejam capazes de assistir tanto a morte quanto a vida são ações no processo de ensino em saúde que culminam para a formação profissional muito mais humanitária e de impacto neste processo.

Considerações Finais

A despeito da morte, podemos dizer que ela carrega um peso aos profissionais de saúde que lidam com o risco de sua presença no cotidiano profissional. Ao analisar as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação das profissões da área da saúde que lidam direta ou indiretamente com as questões da morte, é observado que esta temática não são contempladas como requisitos para a educação desses profissionais.

A formação do enfermeiro, é dotada por conhecimentos que vislumbrem as competências e habilidades: atenção à saúde, tomada de decisão, comunicação, liderança, administração e gerenciamento e educação permanente. A temática morte não está explicitada em nenhum dos 33 itens do 5º artigo, que trata dessa questão.

É preciso conhecer, a partir dos acadêmicos em enfermagem, qual o preparo para enfrentar a morte e o morrer ao longo de sua formação, e ainda além, garantir que o docente em enfermagem possibilite esse arcabouço de conhecimentos, para que o acadêmico em sua prática profissional, busque ferramentas garantindo uma assistência de qualidade diante do processo morte – morrer.

Assim, é de extrema importância que as grades curriculares trabalhassem estratégias para compor um cenário positivista neste contexto da tanatologia, desmistificando um tema tão próprio no meio acadêmico.

Referências

ALVES A, R. A morte como conselheira. In: ALVES, R. **O médico**. 4.ed. Campinas: Papyrus, 2008.

BARROS, O. J. **Viver a morte** – abordagem antropológica e psicológica. Coimbra: Livraria Almeida, 2000.

BELLATO, R. A. A abordagem do processo de morte e morrer feita por docentes em um curso de graduação em enfermagem. **Rev. Acta**, 2007.

BURLÁ, C. Palição: cuidados ao fim da vida. In: FREITAS, E. V.; GORZONI, M. L. organizadores. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

CAPRA, F. A máquina do mundo newtoniana. In: CAPRA, F. **O ponto de mutação**. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos seguido de Envelhecer e Morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001,

GUTIERRES, B. A. O. O processo de morte e morrer no enfoque dos profissionais de enfermagem de UTI's. **Rev. Da escola de Enfermagem da USP**, 2007. p. 660-67.

KOVACS, M. J. **Educação para a morte**: desafio na formação dos profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KOVACS, N. J. **Desenvolvimento da tanalogia**: estudos sobre a morte e o morrer. São Paulo: Comenius, 2008.

KUBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 9 ed, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

LUNARDI, W. D. Percepções e condutas dos profissionais de enfermagem frente ao processo de morrer e morte. **Texto e Contexto da Enfermagem**. 2001, p.60-79.

MEDEIROS, Márcia Maria de. Concepções Historiográficas sobre a Morte e o Morrer. In: **Outros Tempos**. Vol 15, n 6, dezembro de 2008,

OLIVEIRA, J. R. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem.16 **Rev. Escola de Enfermagem da USP**, 2007, p.386-94.

OLIVEIRA, W. I A. A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro. **Rev. Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre-RS, 2011, p.191-198.

SANTOS, F. S. **Cuidados paliativos**: discutindo a vida, a morte e o morrer. 1.ed. São Paulo: Atheneu, 2009.

SANTOS, F. S., SCHLIEMANN, A. N., SOLANO, J. P. C. **Tratado Brasileiro sobre Perdas e Luto**. São Paulo: Atheneu, 2014.